

DEPOIS DAS *PRIMEIRAS ESTÓRIAS*AFTER *PRIMEIRAS ESTÓRIAS*Rafael Pansica 

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil

As Primeiras estórias de Guimarães Rosa / Gustavo de Castro, Clara Rowland, Leandro Bessa (orgs.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2024. 456 p.

“Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro
estranho e desconhecido”

(Guimarães Rosa, *Primeiras estórias*)

José Miguel Wisnik observou com muita perspicácia, em artigo publicado no livro aqui resenhado, que *Primeiras estórias* (1962) é uma obra escrita entre “Esta é a estória” (sua frase de abertura) e “E vinha a vida” (sua frase final). Entre a fórmula típica de abertura estórica e o ritornelo paradoxal que a modula *in vita*, tem-se esse livro rosiano, concebido na imbricação da fábula com a vida, ou na permeabilidade entre a ficção e a ficcionada. Tal é o motivo da perspectiva crítica explorada por Jacques Rancière em seu *As margens da ficção* (2021), livro que apresenta análises de autores significativos e obras canônicas, percorre um longo arco de formação ficcional da literatura ocidental e termina com um capítulo dedicado a Rosa e a *Primeiras estórias* nomeado “O desmedido momento”. Ao intitular seu livro e seu capítulo de fechamento com referências explícitas aos contos que emolduram *Primeiras estórias* (“As margens da alegria” e “Os cimos” – cuja seção final se intitula, justamente, “O desmedido momento”), Rancière nos sugere a dimensão da importância desse verdadeiro tomo sertanejo, que Rosa chamou de “livrinho singelo” em carta para seu tradutor francês Jean-Jacques Villard.

Traduzido para línguas de grande circulação como o inglês, o espanhol, o francês, o alemão e o italiano, *Primeiras estórias* ganha mais um capítulo de sua história crítica com *As Primeiras estórias de Guimarães Rosa* (2024). Para comemorar os 60 anos de sua publicação, Gustavo de Castro, Clara Rowland e Leandro Bessa tiveram a boa ideia de convidar 21 pesquisadores e pesquisadoras para tratar dos 21 contos que o compõem.

O projeto se iniciou como uma série de palestras proferidas em *lives* inauguradas em maio (em Cordisburgo, no Museu Casa Guimarães Rosa) e concluídas em agosto de 2022 – registradas e disponíveis online, ainda hoje, no canal do Siruiz (UnB) do YouTube. Ainda que a maior parte dos convidados esteja vinculado à USP, pode-se dizer que a seleção das autoras e dos autores seguiu um critério de diversidade geográfica, geracional e metodológica no recorte da recepção rosiana. Sobre o referido interesse internacional em torno do livro de Rosa, vide, na coletânea de artigos, os trabalhos apresentados por Abel Barros Baptista (Universidade Nova de Lisboa), por Ettore Finazzi-Agrò (Università de Roma La Sapienza) e por Michel Riaudel (Sorbonne Université). Além deles, o livro conta com os trabalhos da austríaca Katrin Rosenfield, pesquisadora radicada no Brasil e vinculada à UFRGS, e das brasileiras Marília Librandi e Victoria Saramago, radicadas nos Estados Unidos e vinculadas, respectivamente, a Brazil Lab-Princeton University e à University of Chicago. Quanto à diversidade geracional e metodológica (ou de linhas de pesquisa), é interessante observar a presença acertada tanto de jovens quanto de experientes e incontornáveis nomes da crítica rosiana. São eles, em ordem de aparição na coletânea, além dos já citados acima: Luiz Roncari (USP), Gabriela Reinaldo (UFC), Ana Paula Pacheco (USP), Yudith Rosenbaum (USP), Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG), Marcelo Marinho (UNILA), Socorro Acioli (UNIFOR), Elizabeth Hazin (UnB), Luís Bueno (UFPR), Mônica Gama (UFOP), Adélia Bezerra de Meneses (USP), Claudia Soares (UFMG), Cleusa Rios Passos (USP), Paulo Paniago (UnB) e José Miguel Wisnik (USP). É verdade que os artigos nem sempre são inéditos, mas todos são criativos e, no conjunto, abordam os contos de *Primeiras histórias* por perspectivas diversas, como as sociológica, histórica, psicanalítica, artística, metafísica etc. O livro de Rosa oferece naturalmente riquíssimos materiais para todas essas veredas analíticas. Há, de fato, toda uma potência (múltipla, heterogênea) que a leitura crítica precisa continuar a fazer germinar para além do *As Primeiras histórias de Guimarães Rosa*.

Em 2024, essas palestras foram transcritas, algumas expandidas e/ou reelaboradas, para dar a forma aos textos escritos nesse livro com belo projeto gráfico, que se valeu da encomenda pessoal de Katrin Rosenfield aos artistas Marcos Sanches, Raul Cassou e Maria Tomaselli (que ilustra a capa), todos convidados a ler os contos rosianos e a elaborar pequenas gravuras para cada um deles. Aos artigos dos pesquisadores foram acrescentados dois textos: um de conclusão, redigido por Gustavo de Castro e Leandro Bessa, e outro de apresentação, redigido por Clara Rowland que serve de boa resenha ao conjunto de *As Primeiras histórias de Guimarães Rosa*, fazendo um balanço das diferentes contribuições e articulando sua diversidade ao mosaico especular do livro rosiano:

[...] no momento em que se inscrevem neste livro, as diferentes contribuições revelam de forma mais clara – porque simultânea e não espaçada no tempo – o seu lugar num mosaico: neste caso, um mosaico que espelha outro mosaico, o do leque completo de *estórias* que fazem do livro de Rosa um dos casos mais singulares na afinidade coesa entre a poética das *estórias* e a poética do livro, de livro de contos. É essa dinâmica entre as partes e o todo que procuramos reproduzir no colóquio e agora, com mais um nível de espelhamento, no livro. Pois uma das razões que faz *Primeiras Estórias* uma obra fundamental para se pensar o gênero conto, para não dizer mais, é a sua organização. Poucos livros de contos serão tão cuidadosamente montados e elaborados quanto este (Rowland, 2024, p. 10-11).

Faço esse destaque para subscrever a importância incontornável da consideração da arquitetura espelhada do livro na tarefa de renovação da leitura de seus contos. Tudo se passa, arrisco-me a dizer, como se a exploração da especulação das *estórias* revelasse um novo livro (um que a fortuna crítica rosiana, em seu esforço coletivo, ganharia muito ao pesquisar).

Como Gustavo de Castro e Leandro Bessa lembram e exploram em seu texto de conclusão, Rosa, em trocas epistolares com seu tradutor francês de *Primeiras estórias* (o já mencionado Jean-Jacques Villard), descreve seu livro de contos como “um manual de metafísica”. No pensamento rosiano, metafísica tem a ver com travessia e com descoberta. Minha impressão é que a arquitetura cifrada de *Primeiras estórias* – i.e., os espelhamentos das *estórias* à espera de um esforço coletivo de decifração pela leitura comparada entre seus contos – tenha sido deliberadamente elaborada pelo autor para propor ao leitor uma espécie de jogo de descobertas (lembremo-nos da epígrafe desta resenha). Mecanismo ou dispositivo potente para se induzir certo efeito no leitor, a descoberta seria como um método de afecção indispensável para um livro pensado deliberadamente como um *manual* (e não, por exemplo, um tratado) de metafísica. Por isso prezo pelas descobertas apresentadas no volume aqui resenhado. Destaco três (das muitas, as minhas favoritas):

1: o padrão ternário na construção frasal de “A terceira margem do rio”, apontado por Yudith Rosenbaum em seu estudo sobre o mais famoso e comentado conto de *Primeiras estórias*. Tal padrão se encontra já na primeira frase da *estória*, a caracterizar o pai (“Nosso pai era homem *cumpridor, ordeiro, positivo*”), passando, por outros tantos casos, por esta caracterização do rio como “*grande, fundo, calado que sempre*” e pela famosa ameaça da mãe ao pai canoeiro: “*Cê vai, ocê fique, você nunca volte*”;

2: no estudo de Elizabeth Hazim sobre “O espelho”, me parece muito astuta a observação sobre as vinhetas (i.e., o conjunto de figuras desenhadas por Luiz Jardim) do sumário ilustrado de *Primeiras estórias* serem compostas por *molduras*: desenhos que abrem e fecham a sequência ilustrada e se destacam do conteúdo das imagens por elas emolduradas – além da instigante interpretação da ausência da lemniscata na vinheta de “Nenhum, nenhuma” (a ideia de que a letra grega zeta pode ser uma cifra do z latino, constituindo uma circularidade que substituiria a ausência da lemniscata na moldura do conto referido);

3: o apontamento preciso de Luiz Bueno das *Efemérides mineiras* (1664-1897) a fundamentar a elaboração ficcional rosiana a respeito dos eventos passados em 11 de novembro de 1872 na comarca do Serro em “Um moço muito branco”. Antes de Bueno, ninguém havia imaginado que a descrição fantástica que abre esse conto de Rosa pudesse ter alguma referência histórica (apontamento que abriu toda uma nova perspectiva para a leitura desse conto, tão interessante, mas relativamente pouco comentado pela recepção rosiana).

Em sentido oposto, é preciso também chamar a atenção para as ilações duvidosas ou falsas descobertas. Quando Luiz Roncari sugere que na base da constituição do núcleo familiar de “Soroco, sua mãe, sua filha” pode haver uma relação incestuosa – a mãe de Soroco também seria a mãe da filha de Soroco (i.e., Soroco seria pai e irmão de sua filha; filho e parceiro sexual de sua mãe) –, não há outro fundamento textual que não seja o apontamento do narrador sobre a semelhança entre avô e neta. O restante do argumento constitui-se na projeção de uma teoria muito pouco respaldada acerca da loucura como um traço hereditário que passaria, no caso, de avô-mãe para neta-filha: “segundo a mentalidade dominante da época, os transtornos mentais eram algo geneticamente transmissíveis” (Roncari, 2024, p. 71) – não sei se para sugerir, estranhamente, que a loucura da neta se deva a uma “crença da época” ou se para sugerir que Rosa estaria a cifrar o incesto no texto a partir dessa crença, mais científica do que popular. Seja como for, tal sugestão interpretativa tende a apontar mais claramente para o preconceito anacrônico, proveniente de uma mistura um tanto quanto lasciva entre as mitologias bachofeniana e hobbesiana do mundo primitivo, que vem fundamentando, desde há muito, a leitura de Roncari da obra rosiana:

Com isso [i.e., com o suposto incesto] estaríamos *em pleno sertão*: o espaço da indistinção e da ausência de margens de interdições civilizatórias, onde tudo poderia ser ultrapassado, como acontecia de fato no espaço geográfico e cultural: Brasil/Sertão/Noite (Roncari, 2024, p. 71-72, grifo do autor).

Mas há um segundo caso de ilação bastante duvidosa. O uso metodologicamente descontrolado da nuvem semântica, arbitrariamente infletida por uma suposta chave de leitura cuja expressão sintética, a rigor, Rosa não anunciou – “omelete ecumênico” é um clássico exemplo de expressão atribuída a outrem num discurso indireto livre (neste caso atribuído a Rosa por Haroldo de Campos) –, levou o crítico Marcelo Marinho a sugerir que “Fatalidade” seria uma espécie de conto espírita no qual as personagens Meu Amigo, Zé Centeralfe e Herculinão Socó remeteriam, de algum modo cifrado, respectivamente, a Chico Xavier, ao próprio Rosa e a Exu Tranca-Rua. Como se pode imaginar, seu argumento é difícil de se sustentar:

Por exemplo, dele [Zé Centeralfe] se diz: “Embrulhava-se a falar” e “tirava divertimento do comum e no trabalho não compunha desgosto”. *Parece bastante evidente que Rosa faz aqui alusões a si mesmo*, à sua escrita complexa e intrincada, com fios emaranhados e atados em nós górdios, ou em nós próprios, seres humanos incapazes de desembrulhar os enigmas que o autor nos propõe, sobretudo no que se refere ao mundo do Além (Marinho, 2024, p. 196, grifos nossos).

Ao mesmo tempo que lhe parece evidente que a passagem “embrulhava-se a falar” com a qual Rosa (mas não seria o narrador-personagem?) caracteriza Zé Centeralfe faça uma alusão ao autor do conto, o “nós próprios” com que Marinho caracteriza os “seres humanos incapazes de desembrulhar os enigmas de [Rosa]” também o incluiria, não?

Mas é preciso dizer que os contos desse livro são realmente desafiadores, e é por isso que o jogo de descobertas que *Primeiras histórias* propõe deveria começar pelo descobrimento de suas, digamos, “regras próprias” (que parecem estar, em alguma medida, na arquitetura espelhada do livro). De todo modo, é esse desafio aberto e coletivo que mantém o texto do livro atual. *Primeiras histórias* ganhou recentemente (2022) uma belíssima primeira edição portuguesa, coordenada por Clara Rowland e Abel Barros Baptista, publicada pela Tintas da China. Como será que o público português vem lendo Guimarães Rosa? A julgar pela aparição mais recente (2024), também em edição da Tintas da China, de “Campo geral” (interessantemente publicado como *Migulim*), o público português tem se interessado pelos textos de Rosa. De minha parte, a atualidade dos contos de *Primeiras histórias* se revelaria também pelo ponto de vista dos conflitos políticos contemporâneos, não só brasileiros. Fico pensando, por exemplo, como a leitura espelhada de “Fatalidade” e “O cavalo que bebia cerveja” poderia lançar alguma luz sobre o modo como se estrutura a reemergência atual do fascismo brasileiro. Outrossim, fico imaginando como a leitura pareada de “As margens da alegria” e “Os cimos”

poderia trazer uma perspectiva interessante para as discussões em torno do premente tema global do Antropoceno pelo ângulo da destruição da flora e da fauna do Cerrado, avançada pelo desenvolvimentismo brasileiro que fundamentou a construção de Brasília. Mesmo a estória da vaquinha pitanga de “Sequência” poderia desenvolver indiretamente o tema do Antropoceno (também chamado de Capitaloceno, Plantationoceno, Chthluceno etc.) em direção às estratégias de resistências cosmopolíticas nas interações agentivas entre humanos e animais (amplamente debatidas pela melhor cena da etnologia ameríndia contemporânea). Enfim, e como já se percebeu, esta resenha é também um convite para ler *As Primeiras estórias de Guimarães Rosa* ao lado de uma releitura (estrutural, espelhada) do próprio *Primeiras estórias* que – insisto – guarda ainda, reaberto, muito para se ler e se descobrir.

Referências

RANCIÈRE, Jacques. *As margens da ficção*. Tradução de Fernando Scheibe. São Paulo: Editora 34, 2021.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Lisboa: Tinta da China, 2022.

ROSA, João Guimarães. *Miguilim*. Lisboa: Tinta da China, 2024.

Rafael Pansica. Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2016), com mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (2008) e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). É também mestre em Performance Musical pela Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (2022). Atualmente, é doutorando no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp) com período sanduíche na Universidade Nova de Lisboa.

E-mail: rafapansica@gmail.com

Declaração de Autoria:

Rafael Pansica, declarado autor, confirma sua participação em todas as etapas de elaboração do trabalho: 1. Concepção, projeto, pesquisa bibliográfica, análise e interpretação dos dados; 2. Redação e revisão do manuscrito; 3. Aprovação da versão final do manuscrito para publicação; 4. Responsabilidade por todos os aspectos do trabalho e garantia pela exatidão e integridade de qualquer parte da obra.

Declaração de Disponibilidade de Dados:

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Declaração dos Editores:

Ana Maria Lisboa de Mello, Elena Cristina Palmero González, Rafael Gutiérrez Giraldo e Rodrigo Labriola, aprovamos a versão final deste texto para sua publicação.

Recebido: 04/12/2024

Aprovado: 31/03/2025